

INTIMISMO: de que forma personagens literários podem contribuir para promover o autoconhecimento?**INTIMISM: how can literary characters contribute to promoting self-knowledge?**Clarice Helena Schütz Foerste¹
Marguit Carmem Goldmeyer²

Resumo: Entende-se como Intimismo a modalidade literária que explora os sentimentos mais profundos de um indivíduo. A exposição de emoções visa a envolver todos aqueles que a apreciam, provocando infinitas sensações (desde angústia, até paz e felicidade) ao público-alvo. Dessarte, aos estudantes de Letras do Instituto Ivoti, Rio Grande do Sul, foram destinadas inúmeras leituras, principalmente da literatura sul rio-grandense. Refletimos dessa forma sobre o Intimismo presente nas obras e a maneira que ela influencia não somente na vida dos personagens, como também na dos leitores. Portanto, os títulos citados no presente artigo instigaram análises acerca do íntimo de cada personagem, espelhando-se, também, nas vivências do leitor. Não obstante, embora a literatura seja a base primordial da pesquisa, é imprescindível citar análises, desde as de Artières sobre a importância do registro da vida, até as de Frankl na busca de sentidos, que auxiliaram no desenvolvimento do presente artigo. Dessa maneira, considerando a sensibilidade que cada ser humano carrega e não obstante a busca pelo bem-estar interior, surgiu a pergunta: de que forma o intimismo na literatura, mais especificamente nos personagens, contribui para o autoconhecimento do leitor? Entre leituras, análises e possibilidades de identificação, provocações serão lançadas, levando o leitor à contemplação do seu eu e a relação com o mundo literário.

Palavras-chave: Intimismo. Literatura. Autoconhecimento. Reflexão. Personagens literários.

Abstract: Intimism is understood as the literary modality that explores the deepest feelings of an individual. The exhibition of emotions aims to involve all those who appreciate it, causing infinite sensations (from anguish to peace and happiness) to the target audience. In this way, students of Literature at the Ivoti Institute, Rio Grande do Sul, were given numerous readings, mainly from the southern state literature. In this way, we reflected on the Intimism present in the works and the way it influences not only the lives of the characters, but also of the readers. Therefore, the titles cited in this article instigated analyses about the intimacy of each character, also mirroring the reader's experiences. Nevertheless, although literature is the primary basis of the research, it is essential to cite

¹ Graduanda do curso de Letras Português e Alemão. E-mail: claricefoerste@hotmail.com

² Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008), na Área de Concentração Religião e Educação, professora no Instituto Ivoti. E-mail: marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br

analyses, from those of Artières on the importance of recording life, to those of Frankl in the search for meanings, which helped in the development of this article. Thus, considering the sensitivity that each human being carries and, despite the search for inner well-being, the question arose: how does intimacy in literature, more specifically in the characters, contribute to the reader's self-knowledge? Among readings, analyses and possibilities of identification, provocations will be launched, leading the reader to contemplate their self and the relationship with the literary world.

Palavras-chave: Intimism. Literature. Self-knowledge. Reflection. Literary characters.

1 INTRODUÇÃO

Embora o Intimismo tenha sido atribuído às modalidades artísticas e literárias, seu significado vai muito além de pinturas ou páginas de livros. A qualidade do que é íntimo, ainda que melancólica, conduz o indivíduo a reflexões e ao autoconhecimento. Sendo assim, autores como Margaret Atwood, Lya Luft, Erico Verissimo, Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector empregaram o intimismo em suas obras, de forma que seus personagens pudessem investigar o seu interior, manifestando seus sentimentos, aflições e desejos. Todavia, cada processo tem seu devido tempo, gerando, muitas vezes, impaciência e desesperança. O estudo das memórias, através de cartas ou diário, representa uma de inúmeras soluções para não somente registrar desabafos, como também obter diagnósticos do interior. Por conseguinte, essa autoanálise é capaz de sair da literatura, podendo se transfigurar ao leitor, contribuindo assim na compreensão, consciência e aprendizagem do destinatário.

Sendo assim, nosso objetivo no presente artigo é explorar o estilo intimista nas obras *Noite* (1954), *Onde andará Dulce Veiga?* (1990), *Ana Terra* (1949) e *As parceiras* (1980), aproximando-nos das personagens principais por meio de seus sentimentos mais profundos. Os percursos percorridos, embora inconstantes quanto aos acontecimentos, servirão como trajeto para a linha de

chegada do autoconhecimento de cada heroína mencionadas nas obras.

2 PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DA VIDA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Philippe Artières (1998), em *Arquivar a própria vida*, convida o leitor a dar importância à escrita sobre si, sobre sua história. Para quem não tem o hábito de escrever diariamente, a prática se torna desafiadora. Contudo, o diário (depois passado para uma autobiografia) citado na pesquisa é um elemento bastante eficaz, o qual facilita a compreensão e organização de ideias, além de registrar vivências e torná-las lembranças eternas. Desta forma, citando Nougier, o autor enfatiza o anexo das memórias:

Eu tenho que repassar diante dos meus olhos os menores incidentes da minha vida a fim de tirar deles os materiais necessários, a fim de reconstruir os sentimentos que me animavam nas diferentes épocas e tirar deles as consequências. É principalmente sobre minha juventude que eu preciso refletir mais pois eu esqueci muita coisa e me acontece de confundir os acontecimentos.” (NOUGIER apud ARTIERES, 1998, p. 17).

Ainda assim, Artières (1998, p. 20) ressalta que “arquivar a própria vida é querer testemunhar”. Consequentemente, essa significância reflete também no gênero literário. Segundo Elisangela Marafigo (2012) em *A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores*, o prazer da literatura sucede o da

escrita, tornando a leitura curiosa perante a vida. O aprendizado da linguagem influencia não somente na compreensão das palavras, como também na formação do próprio indivíduo.

Conforme Danielle Santos de Brito (2010, p. 3):

Através deste recurso fabuloso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nos transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós. Por meio da leitura resgatamos nossas lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que nos foi dada tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos, porém essa cultura se dilui e se perde diariamente, e é este saber, esta cultura que precisa ser recuperada.

Desta forma, o domínio da leitura é indispensável no desempenho de uma sociedade ativa, realçando a educação como um dos principais meios para a elevação da qualidade de vida do ser humano. Através desse posicionamento perante a pedagogia construtiva, que o indivíduo carrega ao longo de sua vida, apoiamos a ideia de Sant'Ana, quando ele, em seu artigo, enfatiza a importância da arte, dizendo:

Além da análise e interação com obras literárias clássicas e contemporâneas, a encenação de peças teatrais ou de textos narrativos e poéticos proporcionará o desenvolvimento da escrita, do senso crítico e artístico, da sociabilidade, do trabalho coletivo e o aperfeiçoamento da leitura. (SANT'ANA, 2008, p. 7).

O autoconhecimento não é um incidente que subitamente se infiltrou na vida de alguém. Analisar o próprio interior é um processo, tendo como princípio o nosso nascimento. Desta forma, ao decorrer da nossa trajetória, muitas perguntas

transitam em nossa mente, cultivando perguntas como “qual é o meu propósito?”, “quais são os meus valores?”, “qual a minha essência diante do outro?”, que na teoria representam o nosso ponto de partida.

Fischer (1987 apud SANT'ANA, 2008, p. 13) assim salienta:

Quer relacionar-se a alguma coisa mais do que o 'Eu', alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixe de ser-lhe essencial. O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por entender pela ciência e pela tecnologia o seu "Eu" curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu "Eu" limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade. [...] sente que só pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que o homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias.

O estímulo às atividades literárias e teatrais contribui, portanto, para responder a muitas perguntas que, ao longo de nossa trajetória, nos inquietam. Portanto, a arte de ler e saber interpretar leva o indivíduo a criticar a vida (e morte), desenvolvendo um olhar teórico e criando uma dimensão sobre seu autoconhecimento.

O leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato - isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediata ou mediadora, a leitura levada pelo sujeito para além do dado imediato permite pensar, ser crítico da situação, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la, modificá-la. Desvelar. (KRAMER, 2000, p.4).

Sendo assim, o leitor é capaz de se conectar com as obras em suas mãos. Não obstante, mergulha no mar literário, enfrentando tanto ondas de indagações, quanto brisas de autoafirmação. Em outras palavras, a referência de Kramer acima trata da junção de percepções que o leitor adquire ao longo de determinado enredo com suas próprias ideologias. Visto que nos tempos atuais a falta de sentido vem-se propagando, a leitura se torna refúgio do indivíduo. As reflexões geradas são, dessa forma, importantes para a compreensão não somente do livro abordado, como também do mundo externo.

3 O INTIMISMO NA LITERATURA

Se tivesse a tolice de se perguntar 'quem sou eu?'
cairia estatelada e em cheio no chão.
É que 'quem sou eu?' provoca necessidade.
E como satisfazer a necessidade?
Quem se indaga é incompleto.
(LISPECTOR, 1977, p. 20).

Estamos constantemente em busca por algo. No entanto, qual seria o resultado final dessa incerteza das nossas respectivas identidades? Devido, principalmente às ideias psicanalíticas de Freud, que ousou radicalmente analisar sonhos, fantasias, lados “obscuros” do ser humano, prosas intimistas passaram a se manifestar a partir do século XX. Na literatura, emoções um tanto quanto introspectivas são atribuídas aos personagens, de forma que experiências psicológicas, amorosas e emotivas venham à flor da pele.

Contudo, o percurso do intimismo vai além de uma simples descrição sobre os sentimentos dos personagens. Diante desse âmbito, o leitor se conecta com a narração lida, podendo se sincronizar com as emoções detalhadas. Ademais, muitas histórias possuem uma certa distopia, como é o caso de *O conto da Aia*, escrito

por Margaret Atwood. Ao longo da obra, além de acompanharmos os acontecimentos, nós, leitores (principalmente do sexo feminino), somos capazes de sentir todas as angústias e injustiças que se passam no livro. A narrativa, por mais intensa que seja, nos estimula a refletir não somente sobre os relatos, como também sobre o nosso presente.

Romances, poemas e peças de teatro, em sua singularidade, se negam a explorar aquilo do que eles são exemplos, ao mesmo tempo em que convidam seus leitores a se tornar envolvidos nos predicamentos e nas consciências de narradores e personagens, que são em algum sentido postulados como exemplos de algo (exemplary). Essa estrutura de exemplaridade tem sido importante para a relação entre literatura e o problema da identidade, o qual tem sido tão central para a teoria recente. Seria o self algo dado ou algo feito e deveria ele ser concebido em termos individuais ou sociais? (CULLER apud ARBO; MARQUES, 2019, p. 5).

O mosaico que se forma diante do intimismo é a relação que o personagem tem com o mundo exterior, o desvio da solidão e a busca do espaço interior simultaneamente. A palavra *insight*, encontrada com frequência na literatura psicanalítica, usualmente é traduzida para o português como compreensão interna. Em vista disso, Arbo e Marques (2019, p.3) em uma pesquisa acerca de interpretações sobre *O conto da Aia*, citam a ideia de Jonathan Culler, crítico literário, “o insight de Culler é valioso, pois indica que a crítica literária pode se tornar, também, um exercício filosófico de exame desses elementos constitutivos, e o texto literário não apenas se torna o objeto de análise em si, mas também ferramenta de análise do humano.”

De semelhante abordagem, escritores modernistas brasileiros, como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Lya Luft e Érico Veríssimo adotaram essa tendência íntima, aprofundando-se em

preocupações quanto à compreensão da alma humana. Dessa maneira, **Noite, Onde andaré Dulce Veiga?, Ana Terra e As parceiras** servirão como análise para a compreensão dos personagens, incluindo suas fragilidades e meios sociais que se encontram.

O intimismo está presente no romance contemporâneo, e suas vagas definições vão ao encontro do desconcerto proveniente do mundo em crise. O ser, não encontrando respostas à sua volta, busca-se dentro de si, representando assim a linguagem do silêncio. Os diálogos entre personagens tornam-se secundários, e, quando aparecem, são perseguidos pela incompreensão, o que as leva à mutilação. A crise da palavra conduz o ser humano ao silêncio, ao refúgio, por meio da solidão. Dessa forma, há um abismo entre o que as personagens aparentam ser - a sua casca - e o que elas realmente são - a sua essência. (MELO, 2005, p.17).

Vale ressaltar que, embora Clarice Lispector não seja o foco do presente artigo, seus princípios foram de extrema importância para o intimismo literário brasileiro. A introspecção que a autora atribui para seus personagens gera, sobretudo, análises psicológicas. Assim, ao objetivar reflexões íntimas, Clarice ainda faz com que o leitor se correlacione com os monólogos descritos.

3.1 (RE)DESCOBERTA

A obra **Noite**, de Erico Veríssimo, além de conduzir o leitor a um único período noturno, retrata, sobretudo, a busca de solução dos conflitos íntimos do protagonista, conhecido por Desconhecido. O autor, no decorrer de entrelinhas, dialoga com o público, fomentando diversas reflexões acerca dos acontecimentos. Começando na “boquinha” da noite e se desenvolvendo ao longo do entardecer, a história nos apresenta um homem perdido em uma certa cidade. Em estado de amnésia,

o Desconhecido se questiona quem é, quais suas origens, o que de fato aconteceu para se encontrar onde está e não se lembrar de nada. Desse modo, o enredo é abastecido por situações de autoconhecimento, em que o protagonista, através de *flashbacks*, vai se recordando sobre si.

Ao analisar os protagonistas de Érico e Dostoiévski, Flávio Aguiar (2009, p.9) aponta que “O que o Desconhecido (ou “homem do terno gris”) procura é a própria identidade perdida, enquanto Ras-kolnikov quer, justamente, perder a sua, construindo outra.” Desta forma, o intimismo de *Noite* é propriamente o objetivo do Desconhecido: a busca por sua origem. Ademais, outra característica indispensável é a variação entre os planos do consciente e inconsciente. Em virtude das mensagens que os personagens passam tanto para o protagonista, quanto para os leitores, o que o homem de branco transmite ao Desconhecido irradia para além do livro.

O Desconhecido examinava-o com um interesse fascinado e o que ele sentia, dum modo nebuloso, poderia traduzir-se assim: a presença daquela estranha figura na atmosfera viciada e sufocante do café era um refrigerio, uma golfada de vento das montanhas, dos espaços abertos, do mar: um límpido cubo de gelo caído por milagre naquele caldeirão de água quente. (VERISSIMO, 1954, p. 40).

Portanto, embora de pluri interpretações, o que *Noite* cultua é a referência do autoconhecimento. Assim como o Desconhecido, nossa mente divaga facilmente por diversas direções, absorvendo tanto informações lucrativas quanto lesivas. Consequentemente, encontrando-nos internamente em conflito, questionamos sobre quais os melhores pontos de referência a serem seguidos, contribuindo desta forma para o nosso guia cognitivo. Além disso, estamos frequentemente nos cobrando e lidando com os nossos erros.

Ao longo da noite, o homem do terno gris, gradativamente, lembra de suas origens e o que o levou a estar naquela situação. Ademais, o psicólogo Clérisson Torres (2016, p.8), em seu artigo sobre autocohecimento, ressalta que:

É natural da condição de ser humano, preocupar-se muito em controlar o que acontece consigo e com o mundo ao seu redor, logo dedica muita energia e esforço pelo uso da vontade para conquistar e manter segurança, satisfação e felicidade a todo custo. Aquilo que não consegue encarar ou que é uma ameaça aos seus desejos tende a ignorar, inobservar, reprimir, fugir, esquecer ou se revoltar, colocando-se, muitas das vezes, como vítima da situação.

O vazio interior, conforme Torres (2016, p.11), atinge todos os seres humanos, consciente ou inconscientemente. Destarte, o que Veríssimo destaca em sua obra para seus leitores é o desafio que cada um tem em explorar o seu íntimo, se autoconhecer e, por intermédio dessa análise, evoluir social e emocionalmente. Em outras palavras, porém de semelhante ideia, Frankl (apud TORRES, 2016, p.11) evidencia “que a busca de sentido é algo imanente aos seres humanos.” Sinais de esperança e conforto, como os do homem de branco para com o Desconhecido, são alguns de inúmeros exemplos de contribuições para essa conexão com o nosso centro. Desta forma, concluímos que tal inquietude, embora provocativa, é essencial para o destino final da autognose.

3.2 REVIRAVOLTAS

Dulce Veiga e Ana Terra são personagens literárias que, embora de obras e autores diferentes, carregam o mesmo desejo de recomeço na vida. Recapitulando brevemente as características do Intimismo na Literatura, percebemos com clareza o isolamento e desequilíbrio em ambas as obras citadas. Contudo, tanto Caio Fernando Abreu (*Onde andar* Dulce

Veiga?, 1993) quanto Erico Verissimo (*Ana Terra*, 1949) atribuem às personagens coragem para tomar suas próprias decisões, enfrentando os meios caóticos em que vivem.

O enredo contemporâneo de Dulce Veiga expõe ao leitor o quão problemática a experiência urbana pode se tornar. Apesar da vida artística, nossa personagem compartilha conosco a sensação de solidão e a busca por algo, ainda que até mesmo ela não sabe exatamente o que é. Além disso, diversas simbologias são trazidas na obra, como aspectos positivos e de refúgio. A música, como principal elemento, transmite a motivação de viver, representando ainda um papel libertador na vida de Dulce.

À medida que conhecemos a história da nossa personagem, por meio de sua filha Márcia, sincronizamos entre as duas o mesmo sentimento de abrigo. Entretanto, esta por sua vez tem a natureza como determinante de suas emoções mais agradáveis. Para ela, os momentos vividos ao ar livre foram os mais prazerosos que já vivera.

De lá eram as memórias mais felizes, tipo banhos de rio, vestidinhos de algodão, tetos de sapê, pés descalços e inacreditáveis noites estreladas. Tinha fotos, se eu queria ver. Márcia cantava pelas estradas procurando o som das asas das borboletas, quando param de voar e tremem brevemente sobre as flores abertas, e o som dessas flores, enormes hibiscos vermelhos, quando o vento louco sopra em suas pétalas, e o das pedras jogadas nas corredeiras, enquanto rolam por baixo d'água batendo em outras pedras, e o do cascalho seco estalando sob o sol em pleno meio-dia, e as estrelas que caem, transformadas numa chispa ao desaparecer no horizonte de 360 graus, no coração do Brasil. (VERISSIMO, 1954, p.51)

Os desconfortos perante o cotidiano também vão ao encontro de Ana Terra. Por alguns anos, sua vida foi resumida em trabalhar, acatar ao machismo e

sonhar em silêncio. Embora “Terra” emblema fixidez ao solo, devido ao destino fatal de sua família, Ana se liberta de seus nós, buscando um novo recomeço. Veríssimo, dessa forma, atribui coragem à personagem, para enfrentar todos os obstáculos presentes, desde a gravidez inesperada, até as mortes e estupros causados por castelhanos. Felizmente, Ana resiste e, com ajuda de muitos ao longo de seu trajeto, dá uma nova chance à vida e a reconstrói em um vilarejo, longe de sua terra.

Tida como símbolo da mulher gaúcha pelo enfrentamento das dificuldades vividas em meio às disputas territoriais, e pela personalidade férrea, que lhe permitem resistir aos embates, Ana Terra é uma das mais fortes personagens das páginas da Literatura brasileira, cujo nome é sempre associado à tenacidade e garra, como representativo da cultura sul-riograndense. (TAVARES, 2012, p.3)

Desta maneira, pode-se analisar que, embora em épocas e contextos diferentes, Dulce e Ana carregam consigo a coragem de correr atrás daquilo que se deseja. Desde o princípio, aflições e problemas fizeram parte da jornada, causando ideias de insuficiência e a vontade de desistir. Aparentemente, permanecer na zona de conforto parece o melhor a se fazer. Contudo, principalmente para os que já leram as duas obras citadas neste capítulo: Dulce Veiga teria se livrado do peso da solidão se não tivesse sumido? E Ana Terra? Permanecendo na casa onde viveu, teria sobrevivido, visto que muitos atentados e disputas por terras estavam acontecendo?

Bonetti (2007), uma cientista social, intitula em um de seus trabalhos acadêmicos que “não basta ser mulher, tem de ter coragem.” O campo feminista é desigualmente caracterizado e, por meio da literatura, conseguimos em muitos casos obter esse reflexo da sociedade. Portanto, em suas obras, Caio Fernando Abreu e Erico

Veríssimo estimulam o leitor a refletir sobre os cenários apresentados, não somente expondo as dificuldades, como também proporcionando meios de reviravolta e sinal esperança aos desfechos.

3.3 (RE)COMPOSIÇÃO ESPIRITUAL

O caráter literário de Lya Luft reflete exatamente o Intimismo. Em *As Parceiras* (LUFT, 1980), a autora abre um leque repleto de situações da interioridade de um indivíduo, como a solidão, isolamento e sexualidade. A partir desses conceitos, voltamo-nos para as memórias descritas na obra, narrada em primeira pessoa por Anelise. Aos poucos, seus relatos acerca das mulheres em sua volta vão colaborando para a criação e desenvolvimento de sua identidade.

Assim como Ana Terra, Anelise presenciou inúmeras tragédias e lidou com a melancolia e diversos momentos de sua vida. Além disso, a personagem compartilha com o público indagações no que se refere à esperança, visto que, na prática, o sofrimento sempre estava presente. Dessa maneira, em sua dissertação sobre Lya Luft, Cimara de Melo (2005, p.13) cita o terceiro capítulo de *As Parceiras*, acentuando que este “questiona a vida individual e coletiva dos seres humanos, através de personagens que mergulham em um mar solitário de angústias, em meio à fluidez dos tempos modernos.”

Com efeito, embora evoluído em muitos aspectos, como na tecnologia e medicina, o período modernista (incluindo o pós) forma, não obstante, nuvens carregadas de transtornos sócio - e emocionalmente classificados. Portanto, ao atribuir à Anelise habilidade em vincular-se com o meio em que frequenta, Lya Luft emprega características que se conectam com ambos os movimentos discutidos.

As semelhanças entre o Intimismo e o Modernismo se dão pela singularidade e mistura do real com o imaginário. Dessa

forma, em obras literárias como *As Parceiras*, observamos o reflexo que a essência contemporânea reproduz.

[...] Observando talvez uma das características essenciais relativas à literatura da escritora gaúcha: a prospecção do universo interior humano e de suas dissonâncias em relação ao mundo externo. A luta contra o vácuo da sociedade dá-se na mente - ou melhor, na alma- das personagens, através de narrativas, em geral, com enredo espesso, o qual privilegia menos as ações que as sensações de solidão, exílio, angústia. (MELO, 2005, p.11).

Dando ênfase aos sentimentos expressos na obra, podemos diretamente nos identificar com a melancolia de Anelise. A vida é repleta de incidentes, podendo tanto nos desestabilizar, quanto nos fortalecer. Portanto, mesmo com a tristeza batendo constantemente na porta, a personagem provou ser forte em muitos momentos. O abatimento emocional, se não enfrentado com tamanho esforço e cautela, potencializa doenças mentais, como a depressão e ansiedade.

Por conseguinte, o discurso memorialístico que Lya Luft emprega em sua obra comunica com o leitor sobre as conjunturas do reflexo do passado e análise do presente, questionadas perante a existência humana. Sendo assim, em um breve ensaio, Risolet Hellmann, mestre em Estudos de Linguagem pela UFRN, enfatiza essa ideia, no qual coloca:

Anelise, contudo, percebe que não é mais a mesma nesse momento em que se permite sair do silêncio através da escritura do diário. Mas, ao falar da sua infância, o faz com os olhos da adulta, pois está à procura de explicações para sua existência. Num permanente estado de inércia procede a sua rememoração assistindo a fragmentos do passado como uma seqüência fílmica de sua vida. (HELLMANN, 2010, p.4)

Embora sendo cenário ficcional, *As Parceiras* contribui, sobretudo, para a

autoanálise de quem a lê. Enquanto Anelise, conforme Hellmann (2010, p.8), consegue se fazer ouvir, se permitir sair do silêncio do sótão, abrir os baús e retirar as palavras num processo de (re)composição, nós, leitores, somos instigados a fazer o mesmo

4 POR TRÁS DAS CÂMERAS

A temática do artigo surgiu, como já posto anteriormente, por meio das leituras do primeiro semestre de 2020. Ao longo das aulas de literatura sul rio-grandense, os acadêmicos participantes foram desafiados a criar um portfólio, com intuito de registrar suas percepções acerca das atividades e obras lidas. Todavia, o intimismo não foi o único tema a ser discutido. Imigração alemã, política e situações sociais (como a pobreza) também tiveram notoriedade nos debates literários. É válido destacar que poemas redigidos pelos estudantes também compuseram o portfólio proposto. Devido à pandemia do Covid-19, a vulnerabilidade veio à tona, desenvolvendo o lado emocional de cada um. Dessa maneira, o compartilhamento poético dos alunos, de forma geral, se mostrou íntimo. Em outras palavras, a angústia, o medo e as dúvidas quanto ao prazo do isolamento social sensibilizaram a vida de cada um, gerando não somente análises externas, como também processos de autodescoberta. Portanto, com a ajuda da literatura, os portfólios desenvolvidos honraram a essência de cada estudante, dando valor a todos os sentimentos expressados.

5 AVISTANDO LUZ NO FIM DO TÚNEL

As diferentes obras citadas no presente artigo, ainda que em épocas diferentes, carregam consigo a mesma essência: o autoconhecimento. Assim, o intimismo simbolizado na literatura expressa situações atuais, com as quais o leitor pode

explicitamente se identificar. A investigação sobre si próprio é essencial para a delimitação de nossos objetivos. Além disso, é diante das percepções de nossas ações, desejos e sentimentos, que compreendemos cada detalhe manifestado. Dessa maneira, a literatura é um dos mecanismos que mais desperta essa autodescoberta. A contribuição que cada personagem promove, seja na maneira de falar, agir ou sentir, gera um reconhecimento significativo na vida do leitor. Embora quadros soturnos sejam abrangidos em obras, como *Ana Terra* e *As Parceiras*, a esperança e motivação transcorrem, essencialmente, acima de qualquer aflição. Em síntese, há, portanto, uma conexão proeminente entre a literatura e o indivíduo. A troca de análises, situações e, não obstante, confiança, representa a luz no fim do túnel de nossas indagações, tornando-se, dessa maneira, protagonista da nossa formação como indivíduos conscientes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. **Onde andar** Dulce Veiga? Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- AGUIAR, F. **Crônica literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARBO, Jade; MARQUES, Eduardo Marks de. Confinadas em si mesmas: a morte social e o isolamento do sujeito em o Conto da Aia, de Margaret Atwood. **Anu. Lit.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 164-176, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2019v24n2p164/41885>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- ARTIÉRES, P. **Arquivar a própria vida**. Escrita de si/escrita da história. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200> Acesso em: 20 abr.2020.
- BONETTI, Alinne. **Não basta ser mulher, tem de ter coragem**: uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminismo popular e o campo político feminista de Recife-PE. 2007. 258f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280660>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BRITO, Danielle. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, v. 4, n. 8, p. 1-35, jun. 2010. Disponível em: http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.
- HELLMANN, Risolete. Memória e ficção em *As Parceiras* de Lya Luft. **Revista de Letras**, v. 12, n.12, 2010. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2373/1508>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- KRAMER, S. Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais. **Presença Pedagógica**, v. 6, n. 31, p. 17-27, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/11635172/LEITURA_E_ESCRITA. Acesso em: 20 abr.2020.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.
- LUFT, L. **As parceiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MARAFIGO, Elisângela. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. 2012. 13f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí, São Joaquim, 2012. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MELO, C. **Lya Luft**: percursos entre intimismo e modernidade. 2005. 143f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4413>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Recebido em: 12/08/2020
Aceito em: 15/09/2020

SANT'ANA, J. A importância da literatura na formação do homem. **Dia a dia e educação**, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/336-4.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

TAVARES, C. Ana Terra: símbolo da mulher gaúcha, expressão maior do tempo de o vento. *In*: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 17.; MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 15.; MOSTRA DE EXTENSÃO, 10., 2012, Cruz Alta, RS. **Anais eletrônicos...** Cruz Alta, 2012. Disponível em: <https://home.uni-cruz.edu.br/seminario/anais/anais-2012/cchc/ana%20terra%20simbolo%20da%20mulher%20gaucha%2C%20expressao%20maior%20de%20o%20tempo%20e%20o%20vento.pdf>. Acesso em 20 abr. 2020.

TORRES, C. O autoconhecimento como método específico na busca do nosso centro. **Academia Edu**. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/23944674/O_AUTOCONHECIMENTO_COMO_M%C3%89TODO_ESPEC%C3%8DFICO_NA_BUSCA_DE_NOSSO_CENTRO. Acesso em 20 abr. 2020.

VERISSIMO, E. **Ana Terra**. Porto Alegre: Globo, 1949.

_____. **Noite**. Porto Alegre: Globo, 1954.